

ANTON
TCHÉKHOV

A estepe
(História de uma viagem)

Tradução e introdução de
RUBENS FIGUEIREDO



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by Rubens Figueiredo

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

СТЕПЬ

PREPARAÇÃO

Fabricao Waltrick

REVISÃO

Márcia Moura

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tchékhov, Anton, 1860-1904.

A estepe: (História de uma viagem) / Anton Tchêkhov; tradução e introdução de Rubens Figueiredo. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

Título original: СТЕПЬ

ISBN 978-85-8285-018-3

I. Ficção russa I. Figueiredo, Rubens. II. Título
III. Título: História de uma viagem.

15-03250

CDD 891.7

Índice para catálogo sistemático:

I. Romance: Literatura russa 891.7

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução — Rubens Figueiredo	7
A ESTEPE (<i>História de uma viagem</i>)	13

Certa manhã de julho, bem cedo, uma charrete sem molas e desmantelada, uma dessas charretes antediluvianas em que hoje em dia, na Rússia, apenas viajam caixeiros-viajantes, boiadeiros e sacerdotes pobres, partiu de N., principal distrito da província de Z., e seguiu com muito barulho pela estrada postal. Chocalhava e guinchava ao menor movimento; a isso fazia eco em tom sombrio o balde pendurado na traseira — e só por aqueles sons e pelos deploráveis farrapos de couro que sacudiam sobre seu corpo descascado, era possível avaliar como estava obsoleta e pronta para virar sucata.

Na charrete viajavam dois moradores de N.: o comerciante Ivan Ivánitch Kuzmitchóv, de barba raspada, óculos e chapéu de palha, que mais parecia um funcionário público do que um comerciante, e o padre Khristofor Siríiski, prior da igreja de São Nicolau em N., velhinho miúdo, de cabelo comprido, cafetã cinzento feito de lona, cartola de aba larga e uma faixa na cintura, bordada e colorida. O primeiro pensava em alguma coisa, muito concentrado, e balançava a cabeça para espantar a sonolência; no rosto, a habitual secura de homem de negócios lutava com a benevolência de alguém que tinha acabado de se despedir dos parentes e bebido bastante; o outro, admirado, contemplava o mundo de Deus com olhos úmidos e sorria tão largo, que o sorriso parecia alcançar as abas da cartola; o

rosto estava vermelho e parecia congelado. Os dois, tanto Kuzmitchóv como o padre Khristofor, iam vender lã. Ao se despedirem dos familiares, tinham se fartado de comer roscas com creme de leite e, apesar de ainda ser muito cedo, tinham tomado um trago... O estado de espírito de ambos era excelente.

Além das duas pessoas descritas e do cocheiro Deniska, que açoitava incansável a parelha de ágeis cavalinhos baixos, na charrete viajava mais um passageiro — um menino de uns nove anos, com o rosto queimado de sol e molhado de lágrimas. Era Iegóruchka, sobrinho de Kuzmitchóv. Com a autorização do tio e a bênção do padre Khristofor, estava indo estudar no ginásio. Sua mãe, Olga Ivánovna, viúva de um secretário colegiado* e irmã de Kuzmitchóv, amava pessoas cultas e da alta sociedade, e havia implorado ao irmão, de partida numa viagem para vender lã, que levasse Iegóruchka e o matriculasse na escola; e agora, o menino, sem entender para onde e por que viajava, estava sentado na boleia da charrete ao lado de Deniska, segurando no cotovelo do cocheiro para não cair e sacudindo como uma chaleira no fogão aceso. Com a velocidade da charrete, sua camisa vermelha inflava nas costas como um balão e seu novo chapéu de cocheiro, com uma pena de pavão, toda hora escorregava para a nuca. Ele se sentia extremamente infeliz e tinha vontade de chorar.

Quando a charrete passou pela prisão, Iegóruchka lançou um olhar para as sentinelas, que andavam devagar perto do muro branco e alto, para as janelas pequenas e gradeadas, para a cruz que cintilava no telhado, e lembrou que uma semana antes, no dia da Mãe de Deus de Kazan,**

*Décimo escalão na hierarquia do funcionalismo público. Equivalia a tenente, na hierarquia militar. (N. T.)

**²¹ de julho, no calendário gregoriano. Festa que celebra um milagre atribuído ao ícone da Mãe de Deus de Kazan, de 1579. (N. T.)

ele tinha ido com a mãe à igreja da prisão para comemorar o dia santo; e antes disso, na Páscoa, fora à prisão com a cozinheira Liudmila e com Deniska e levara *kulitch*, ovos, *piróg** e carne assada; os presos agradeceram, fizeram o sinal da cruz e um deles deu de presente a Iegóruchka botões de lata feitos à mão.

O menino observava aqueles lugares conhecidos, enquanto a deplorável charrete corria e deixava tudo para trás. Depois da prisão, num lampejo, surgiram as negras e enfumaçadas forjas, depois o cemitério verde e acolhedor, cercado por um muro de seixos; por trás do muro, as cruzes brancas e os mausoléus espiavam alegres, escondidos no meio da folhagem das cerejeiras, que vistas de longe pareciam manchas brancas. Iegóruchka lembrou que, quando a cerejeira floresce, aquelas manchas brancas se misturam com as flores da árvore num mar branco; e quando as cerejas amadurecem, as cruzes e os mausoléus brancos ficam semeados de pontos vermelhos como sangue. Do outro lado do muro, sob as cerejeiras, dormiam dia e noite o pai e a avó de Iegóruchka, Zinaida Danílovna. Quando a avó morreu, a puseram num caixão comprido, estreito, e cobriram seus olhos com duas moedas de cinco copeques, pois eles não queriam se manter fechados. Até morrer, ela foi muito ativa, sempre trazia da feira roscas cobertas com sementes de papoula, mas agora ela dormia, dormia...

E depois do cemitério, fumegavam as fábricas de tijolos. A fumaça grossa, preta, vinha em grandes rolos por debaixo dos compridos telhados de juncos, como que achatados contra a terra, e subia preguiçosamente. Acima das fábricas e do cemitério, o céu estava escuro e as sombras dos grandes rolos de fumaça rastejavam pelo campo e pela cidade. Na fumaça em torno dos telhados, pessoas e cavalos se movimentavam, cobertos por uma poeira vermelha...

**Kulitch* é uma espécie de brioche típico da Páscoa. *Piróg* é um pastelão ou torta. (N. T.)

Depois das fábricas, a cidade terminava e começava o campo. Iegóruchka olhou para a cidade pela última vez, apertou o rosto no cotovelo de Deniska e chorou amargamente...

— Puxa, ainda não cansou de mugir, seu chorão? — disse Kuzmitchóv. — O patife está babando de novo! Se não quer ir, fique. Ninguém está forçando você!

— Calma, calma, irmão Iegor, está tudo bem... — balbuciou apressadamente o padre Khriftofor. — Está tudo bem, irmão... Confie em Deus... Você não está indo para algo ruim, mas para algo bom. O estudo, como dizem, é a luz e a ignorância, as trevas... É a pura verdade.

— Quer voltar? — perguntou Kuzmitchóv.

— Que... quero — respondeu Iegóruchka, soluçando.

— Seria bom mesmo se você voltasse. No final das contas, está viajando à toa. Tanto movimento e nem se sabe para quê.

— Calma, calma, irmão — continuou o padre Khriftofor. — Confie em Deus... Lomonóssov* também partiu assim, com os pescadores, e acabou virando um homem famoso em toda a Europa. O saber, assimilado à fé, dá frutos agradáveis a Deus. Como dizemos na prece? Para a glória do Criador, para o consolo de nossos pais, para o benefício da Igreja e da pátria... É isso.

— Os benefícios podem variar... — disse Kuzmitchóv, acendendo um charuto barato. — Tem gente que estuda vinte anos e não tira nenhum proveito disso.

— Acontece.

— Tem gente que tira algum benefício do estudo e tem outros que só confundem a cabeça. Minha irmã, que não entende nada, quer bancar a refinada e fazer de Iegóruchka um sábio, só que ela não entende que eu, com meus negócios, podia dar a Iegóruchka uma vida feliz para sempre.

* Mikhail Vassílievitch Lomonóssov (1711-65). Físico, químico, poeta e gramático russo. (N. T.)

Garanto uma coisa a você: se todo mundo quisesse estudar, ser sábio e ilustre, ninguém ia trabalhar no comércio nem plantar trigo. Todo mundo ia morrer de fome.

— Mas se todo mundo fosse trabalhar no comércio e plantar trigo, ninguém ia buscar o conhecimento.

E achando que ambos tinham dito algo convincente e sensato, Kuzmitchóv e o padre Khristofor fizeram cara séria e pigarrearam ao mesmo tempo. Deniska, que tinha escutado a conversa sem entender nada, sacudiu a cabeça e, levantando-se, chicoteou os dois cavalos. Houve um silêncio.

Enquanto isso, diante dos olhos dos viajantes, se alastrava a planície vasta, infinita, cortada por uma cadeia de colinas. Comprindo-se e espreitando umas por trás das outras, essas colinas se fundiam numa ondulação que se estendia à direita, da estrada até o horizonte, e desaparecia na vastidão lilás; a gente anda, anda e não consegue distinguir onde ela começa e onde acaba... O sol já espiava atrás da cidade e, calmo, sem alarde, dava início a seus trabalhos. Primeiro, uma faixa larga amarelo-clara rastejou bem distante, onde o céu ia ao encontro da terra, perto de pequenos *kurgan** e de um moinho de vento, que visto de longe parecia um homenzinho abanando os braços. Um minuto depois, uma faixa igual brilhou um pouco mais perto, se arrastou para a direita e ganhou as colinas. Alguma coisa quente roçou as costas de Iegóruchka, uma faixa de luz, que se aproximou sorradeira por trás, esgueirou-se entre a charrete e os cavalos, disparou ao encontro de outras faixas e, de repente, toda a vasta estepe se desfez da penumbra, sorriu e brilhou com o orvalho.

O centeio ceifado, as ervas daninhas, as eufórbias, o

* Um *kurgan* é um pequeno monte de terra que recobre um túmulo, seja individual ou coletivo. Os mais antigos datam aproximadamente de 10 000 a.C., e os mais novos são do século 10. São numerosos na Rússia. (N. T.)

cânhamo — tudo um pouco pardo, avermelhado e meio morto por causa do calor escaldante, agora reaparecia molhado pelo orvalho e acariciado pelo sol, se reanimando para florescer novamente. Acima da estrada, quero-queiros voavam com gritos alegres, esquilos chamavam uns aos outros no capim, abibes choravam em algum lugar mais ao longe, à esquerda. Assustado pela charrete, um bando de perdizes bateu asas e, com seu “trrrr” suave, voou rumo às colinas. Gafanhotos, grilos, cigarras e besouros se agarravam ao capim, chiando sua monótona música.

Mas depois de um tempo, o orvalho evaporou, o ar estagnou e a estepe iludida retomou seu aspecto tristonho de julho. O capim curvou-se abatido, a vida murchou. As colinas chamuscadas, verde-pardacentas, violetas ao longe, com seus matizes serenos como sombras, a planície com sua vastidão nublada e, aberto sobre elas, o céu, que na estepe, onde não há florestas nem montanhas altas, aparenta terrível profundidade e transparência, pareciam agora infinitos e entorpecidos de tédio...

Que abafamento e que melancolia! A charrete corre e Iegóruchka vê sempre a mesma coisa — o céu, a planície, as colinas... No capim, a música silenciou. Os quero-queiros voaram longe, as perdizes sumiram. Acima do capim desbotado, gralhas revoam sem ter o que fazer; todas se parecem e tornam a estepe ainda mais monótona.

Um falcão paira bem próximo ao solo, batendo as asas com suavidade, e de repente para no ar, como se pensasse no tédio da vida, depois sacode as asas e dispara como uma flecha sobre a estepe, e não se entende por que faz assim e o que quer com isso. E ao longe, o moinho roda suas pás...

Para quebrar a monotonia, um crânio branco ou um seixo lampeja no meio das ervas daninhas; por um instante, surge uma mulher de pedra* ou um salgueiro seco com

* Referência aos monumentos milenares esculpidos em pedra junto aos *kurgáni* (ver na pág. 19). (N. T.)

um corvo azul no galho mais alto, ou um esquilo cruza a estrada correndo, e de novo as ervas daninhas, as colinas, as gralhas passam ligeiro diante dos olhos...

Mas, graças a Deus, lá vem uma carroça em sentido contrário, carregada de feixes de feno. Bem no alto dela, viaja deitada uma menina. Sonolenta, entorpecida pelo calor, levanta a cabeça e observa os viajantes. Deniska a olha de boca aberta, os cavalos esticam os focinhos para os feixes, a charrete range, resvala na carroça e as pontinhas do feno, como uma vassoura, raspam na cartola do padre Khristofor.

— Ei, tem gente viajando aqui, sua gorducha! — gritou Deniska. — Puxa, que cara mais inchada, parece que foi picada por uma abelha!

A menina sorri cheia de sono, mexe um pouco os lábios e deita-se de novo... Então surge um choupo solitário no alto de uma colina; quem o plantou e para que está ali, só Deus sabe. É difícil desviar os olhos de sua figura formosa e de sua roupa verde. Será feliz essa bela criatura? No verão, o calor abrasador; no inverno, o frio cortante e a nevasca; no outono, as noites terríveis, quando só se vê escuridão e não se ouve nada, exceto o vento que uiva feroz e agreste; e sobretudo, essa solidão, a vida toda nessa solidão... Depois do choupo, se estende a faixa de um trigal, como um tapete verde-claro, desde o topo de uma colina até a beira da estrada. Na colina, o trigo já foi ceifado e reunido em medas, enquanto mais abaixo tinham apenas começado a cortá-lo... Seis ceifadores estavam lado a lado e brandiam as gadanhas, que cintilavam alegres e emitiam um assovio em uníssono: “Vjji, vjji!”. Pelos movimentos das mulheres que amarravam os feixes, pelos rostos dos ceifadores, pelo brilho das gadanhas, via-se que o calor ardia e sufocava. Um cachorro preto com a língua de fora correu dos ceifadores na direção da charrete, na certa com a intenção de latir, mas parou no meio do caminho e olhou com indiferença para Deniska, que o ameaçou com o chi-

cote: está calor demais para latir! Uma mulher se levantou, escorou com as mãos as costas exaustas e cravou os olhos na camisa vermelha de Iegóruchka. Ou porque a coloração vermelha lhe agradasse, ou porque se lembrasse dos próprios filhos, ficou parada muito tempo, olhando para a charrete que se afastava...

E o trigal logo ficou para trás. De novo se estendiam a planície esturricada, as colinas pardacentas, o céu abrasador, de novo um falcão planava veloz acima da terra. Ao longe, como antes, rodavam as pás do moinho, que continuava a lembrar um homenzinho abanando os braços. Olhá-lo havia se tornado maçante: parecia que nunca iam chegar lá e que ele se afastava ligeiro da charrete.

O padre Khristofor e Kuzmitchóv estavam calados. Deniska fustigava os cavalos e gritava. Iegóruchka não chorava mais, olhava com indiferença para os lados. O calor forte e o tédio da estepe haviam deixado o menino cansado. Ele tinha a impressão de que estava viajando e sacudindo por muito tempo, de que por muito tempo o sol cozinhava suas costas. Ainda não tinham percorrido dez verstas* e ele já pensava: “Está na hora de descansar!”. Pouco a pouco, a benevolência havia abandonado o rosto do tio e restara apenas a secura, que conferiam à face barbeada, magra, uma expressão implacável de inquisidor, sobretudo com os óculos, o nariz e as suíças cobertos de poeira. Já o padre Khristofor não parava de olhar com admiração para o mundo de Deus e sorrir. Calado, pensava em algo bonito e alegre, e, em seu rosto, um sorriso bondoso, benevolente se fixara. Parecia que, sob o efeito do calor, o pensamento bonito, alegre havia se solidificado em seu cérebro...

— Mas então, Deniska: vamos alcançar os comboios ainda hoje? — perguntou Kuzmitchóv.

*Antiga medida russa. Uma versta equivale a 10,6 quilômetros. (N. T.)

Deniska deu uma olhada para o céu, se levantou, fustigou os cavalos e depois respondeu:

— À noite, se Deus quiser, chegamos lá...

Ouviram-se latidos. De repente, como se saltasse de uma emboscada, uma matilha de seis enormes cães pastores da estepe se atirou contra a charrete, com ladridos e uivos ferozes. Focinhos peludos como aranhas, olhos vermelhos de raiva, todos cercaram a charrete com uma ferocidade fora do comum e, se empurrando enciumados, erguiam rugidos roucos. Sentiam um ódio terrível e pareciam prontos para fazer em frangalhos os cavalos, a charrete, as pessoas... Deniska, que gostava de atçar e de dar chicotadas, ficou animado com o incidente; conferindo ao rosto uma expressão malvada, curvou-se para a frente e bateu nos cães com o chicote. Os cachorros rosnaram com mais força ainda, os cavalos arrancaram a galope. Iegóruchka, que se agarrava com esforço à boleia, entendeu, ao ver os dentes e os olhos dos cachorros, que, se caísse, seria despedaçado pelos cães no mesmo instante, mas não sentia medo; olhava-os com a mesma cara maldosa de Deniska e lamentava não ter também um chicote nas mãos.

A charrete alcançou um rebanho de ovelhas.

— Pare! — gritou Kuzmitchóv. — Freie! Ôôô...

Deniska inclinou o tronco todo para trás e deteve os cavalos. A charrete parou.

— Venha cá! — gritou Kuzmitchóv para o pastor. — Mandé esses cachorros desgraçados pararem de latir!

O velho pastor, descalço e vestido em farrapos, com um gorro de inverno na cabeça, uma bolsa imunda pendurada na altura do quadril e um longo cajado — uma perfeita figura do Velho Testamento —, silenciou os cães, tirou o gorro e se aproximou da charrete. Na outra ponta do rebanho, uma idêntica figura também saída do Velho Testamento aguardava de pé, sem se mexer, e olhava com indiferença para os viajantes.

— De quem é esse rebanho? — perguntou Kuzmitchóv.

— De Varlámov! — respondeu o velho em voz bem alta.

— De Varlámov! — repetiu o pastor que estava na outra ponta do rebanho.

— E o Varlámov passou por aqui ontem ou não passou?

— Não, nadinha... O feitor dele veio aqui, foi isso...

— Toque os cavalos!

A charrete avançou sacolejando e os pastores ficaram para trás com seus cães raivosos. Iegóruchka, de má vontade, olhou para a frente, para a vastidão lilás, e começou a ter a impressão de que o moinho, cujas pás giravam, estava mais perto. Ficava cada vez maior, parecia imenso, já sendo possível distinguir suas duas pás. Uma era velha, remendada, a outra fora feita pouco tempo antes, de madeira nova, e reluzia ao sol.

A charrete seguia em linha reta, mas o moinho, por algum motivo, começou a fugir para a esquerda. Andavam, andavam e o moinho sempre zarpando para a esquerda, mas sem sumir de vista.

— Que belo moinho Boltva construiu para o filho! — observou Deniska.

— O gozado é que a gente não vê a fazenda onde fica o moinho.

— Está lá, depois do canal.

Logo surgiu a fazenda de Boltva, mas o moinho não ficava para trás, não passava, olhava para Iegóruchka com sua pá reluzente e rodava. Que feiticeiro!